

Direcção: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua Dr. Avelino Germano, 62—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse

Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

O sinal de contradição

Deixemos hoje a maldita política com as suas baixezas e com os seus ódios, com as suas intrigas e com as suas ambições, e encaremos por um pouco na divinal figura de Jesus, cuja paixão, morte e ressurreição a Igreja católica, nas suas comemorações litúrgicas, evoca às nossas lembranças.

Jesus, cujo nome será eterno, é a figura primordial da história.

Nunca houve nem haverá já mais, não digo já quem o exceda, senão quem sequer o iguale na viva e suave luminosidade que espalhou por sobre todo o mundo.

Aquela profecia que o venerável velho Simeão fez, quando tomou em seus anosos braços o divino Infante que Maria, a Virgem-mãe de Nazaré, foi apresentar no templo em obediência às prescrições mosaicas,—que aquêle menino seria um sinal de contradição—*in signum cui contradicetur* (S. Lucas c-11, v. 34)—tem tido no decurso dos séculos o mais completo evento.

Perante a divina pessoa de Jesus uma só de duas atitudes é possível, como diz o nosso fervoroso asceta Fr. António das Chagas: seguí-lo ou perseguí-lo.

«Todos no mundo ou me seguem ou me perseguem»—(Obras Espirituais Postumas, pag. 58). Já assim foi durante a sua vida e assim continua a ser depois da sua morte.

No meio da imensa multidão que em volta d'ele se apinhava e com uma curiosidade suspicaz ou com uma avidez gososa escutava as suas comovedoras palavras, quasi sempre se levantava dissensão à conta d'ele: *dissensio facta est in turba propter eum*.

Diziam uns que *ele era bom*; redarguiam outros: que *era um sedutor*.

Diziam estes: *ele é um verdadeiro profeta*; acrescentavam aquêles: *ele é o Cristo*.

Contrapunham aqueloutros: então o Cristo pode vir da Galileia? (S. João c. VII).

Acusado de alvoroçador do povo e de blasfemador de Deus, condenaram-no ao suplicio infamante da cruz. E aí mesmo, quando, tendo soltado o derradeiro suspiro, parecia estar para sempre aniquilado, se levantou mais uma vez a contradição. Os seus inimigos, numa crueldade ferina que não respeitou as suprêmas angústias em que estava agonizando, jogaram-lhe os sarcasmos mais pungentes e lançaram-lhe as afrontas mais pesadas. Julgaram, obcecados pelo ódio, que para sempre tinham esmagado a Jesus, os seus discípulos e a sua obra.

Pois nessa mesma hora em que lhes parecia poderem cantar uma vitória definitiva, o centurião e os soldados que com ele estavam de guarda no Calvário, faziam em tom bem audível esta notável confissão: «Com efeito este era o Filho de Deus—*Vere Filius Dei erat iste*. (S. Mateus c. XXVII, v. 54).

E todo aquêle povo que algumas horas atrás tinha pedido em altos gritos a morte de Jesus e que tinha ido ao Calvário contemplar o espectáculo da sua crucifixão, tendo observado os prodigiosos e insólitos fenómenos que aí se deram, reconheceu ter cooperado no suplicio do Justo e voltou para suas casas batendo nos peitos de arrependido: *Et omnis turba eorum qui simul aderant ad spectaculum istud et videbant quae fiebant, percutientes pectora sua revertentur*. (S. Lucas c. XXIII, v. 48).

Seria prolixo mostrar agora como Jesus, o rei immortal dos séculos, tem continuado a ser, após a sua morte, um objecto constante de contradição. Basta dizer que nunca houve no longo transcurso da história criminoso nenhum, por mais abominável que fôsse, que carregasse com ódios tam veementes, tam pertinazes, tam vivos, como Jesus; nem menos houve benfeitor algum por mais generoso e liberal que fôsse, que concentrasse em sua pessoa tanto affecto, tanta estimação, tanto amor como o Crucificado do Calvário.

Jesus, como sempre, ainda hoje tem inimigos que empregam todos os seus esforços para que esse nome bendito seja obliterado no coração do povo ou, pelo menos, aborrecido como um tabu perigoso. Mas a esses inimigos há-de succeder-lhes como aos fariseus e príncipes dos sacerdotes.

Estes, empenhados como estavam em fazer pensar sobre a vida do Salvador o mais completo silêncio, autorizados por Pilatos puseram uma guarda militar ao sepulcro, selaram a tampa e tomaram todas as precauções para que ninguém mais lhe tocasse. Pois ainda não eram bem passados três dias e já o Salvador tinha ressuscitado; e os soldados que estavam de sentinela para que o sepulcro não fôsse violado, foram as primeiras testemunhas d'este assombroso acontecimento.

Hoje os inimigos de Jesus, como o não podem atingir por invisível, enfurecem-se e raivam contra a sua Igreja, que é o órgão sensível por que elle exerce a sua soberania no mundo.

Voltaire, o profeta-mor da incredulidade, confiando nimamente na força demolidora das suas cachinadas satánicas e dos seus impiedosos motejos, um dia, num embebecimento insensato de orgulho, permitiu-se fazer o sinistro augúrio, que o cristianismo dentro em vinte anos acabaria. Pobre vi-dente que elle foi! Passaram-se os vinte anos e o cristianismo, mau grado da tóla profecia, continuou a subsistir sem maior sinal de desfalecimento.

Morreu Voltaire há mais de 130 anos e a Igreja católica continua a viver com o mesmo ou mais vigor do que no tempo do Senhor de Ferney.

Hoje também temos aí um Voltaire de via reduzida, que, se não encurtou tanto como o mestre o prazo da existência do cristianismo, o limitou contudo a três gerações. Pois, assim como morreu o primeiro, também há de morrer este Voltaire de marca pequena e os seus filhos, netos e tataranetos, e a Igreja católica, apesar de todas as suas vicissitudes, permanecerá inabalável nos seus fundamentos como um rochedo no meio das ondas.

Quando é que os seus inimigos se desengana-rão desta verdade que até hoje ainda não foi desmentida? Disse Jesus que quem cair sobre elle será esmagado e que esmagado será aquêle sobre quem elle cair: *qui ceciderit super lapidem istum, confringetur: super quem vero ceciderit, conteret eum*. (S. Mat. c. XXI, v. 44).

Mas a obcecação do ódio não deixa ver aos incrédulos que os seus planos contra o Salvador do mundo hão de ser sempre frustrados.

P. A.

A RESSURREIÇÃO

A história dum grande homem pára na sepultura. Ele entra pela morte num mundo invisível, que nos é vedado. Já o não vemos, já o não ouvimos mais. Dêle não resta, com a sua memória, senão os seus discípulos, as suas doutrinas, as suas instituições, as suas obras e a secreta acção do seu espírito immortal. Mas, como a origem de Jesus se não parece com a nossa, assim, também é a sua morte.

O sábado declinava. As santas mulheres, as servas fiéis de Jesus, chorando o Mestre sepultado, não tinham outro pensamento, que honrá-lo na morte. Maria Madalena, Maria, mãe de Iago, e Salomé, voltaram ao Gólgota, para ver o sepulcro. Depois do pôr do sol, compraram perfumes, com que desejavam ungi o corpo de Jesus.

No dia seguinte, à primeira hora, antes da alva, saíram de Be-

tânia, encaminhando-se para o Gólgota e levando os aromas preparados na véspera. No caminho, diziam entre si: «Quem volverá a pedra da entrada do sepulcro?»

Nenhuma delas suspeitava do extraordinário acontecimento que se dera no momento em que elas saíam de Betânia. De repente a terra tremera. Uma força divina, um anjo de Deus—diz o Evangelho—descera do céu. Volvera a pedra da entrada, e assentara-se sobre ella. O seu rosto era como o relâmpago e o seu vestido branco como a neve. Os guardas, à vista d'ele, haviam caído como mortos, e, tornados do seu assombro, tinham fugido.

O sol tinha surgido, quando as mulheres chegaram ao Gólgota; e elas, olhando para o sepulcro, viram-no aberto: a enorme pedra estava retirada. Maria Madalena, a semelhante vista, creu no furto do corpo do seu Senhor, numa profanação; e, enquanto suas companheiras penetravam no interior do sepulcro, onde em verdade nada encontraram, Maria Madalena foi ter com Simão Pedro e com João, o discípulo preferido de Jesus: «Furtaram o meu Senhor,» lhes disse «e não sabemos onde o puseram.»

Logo Pedro e João saíram, e vieram ao sepulcro. Eles não andavam; corriam, segundo a expressão dum d'elles: é o próprio João quem conta este passo. E foi elle quem chegou primeiro; e, abaixando-se, na abertura da gruta, viu os panos postos no chão; mas não entrou. Pedro, que o seguia, entrou resolutamente: viu, na verdade, os panos postos no chão, e o sudário, que envolvera a cabeça de Jesus, separado do lençol e dobrado num lugar à parte. João penetrou com Pedro no sepulcro: viu e creu, como lhe dissera a Madalena, que o Senhor tinha sido furtado.

A idea da resurreição de Jesus, e da sua resurreição na carne, não lhes ocorre ao espirito: ainda a não conhecem, segundo testemunha o evangelista; e, ainda que tinham ouvido muitas vezes o Mestre annunciá-la em termos expressivos, ainda não tinham a intelligência d'ella. Viam-na através dos seus preconceitos religiosos: deviam confundí-la com o advento do Messias na majestade e esplendor do seu reino. Por isso, depois de visitado o sepulcro, foram-se embora tristes e desanimados.

As mulheres, todas entregues ao luto e à tristeza, vagueavam no jardim. Maria, de pé, à entrada da gruta funerária, chorava: como se inclinasse para ver sequer o lugar onde tinha sido depositado Jesus, viu dois anjos, sob forma humana, vestidos de branco, um à cabeceira, outro aos pés do leito sepulcral. «Mulher,» lhe disseram elles «porque choras?—Furtaram o meu Senhor,» respondeu ella «e não sei onde o puse-ram.»

Dizendo estas palavras, voltou-se buscando-o com os olhos marejados de lágrimas. E viu a Jesus de pé: mas não o conhecia. «Mulher,» lhe disse Jesus «por que choras? A quem buscas?» Ela, julgando falar com o jardineiro, respondeu: «Senhor, se fostes vós quem o tirou, dizei-me onde o pusestes, e eu o levarei.»

Jesus chamou-a por seu nome: «Maria». Ao ouvir esta voz, este

chamamento que tantas vezes ouvira, a Madalena reconheceu o seu Senhor. «Oh meu senhor!» disse ela, lançando-se lhe aos pés, para os beijar, como fazia durante a sua vida. «Não me toques.» disse Jesus «porque eu ainda não subi para meu Pai. Mas vai ter com meus irmãos, e dize-lhes que «eu subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus».

Estas palavras misteriosas advertem a Madalena de que ainda não chegou a hora de gozar da presença divina de seu Senhor e da sua humanidade transfigurada. Ele apenas reaparece no mundo para dele sair. Não está ainda no lugar da immortalidade: sobe para seu Pai, para o seu reino glorioso. Lá é que se realizará a total comunhão com ele numa possessão que não acabará já-mais, e em transportes que nenhuma coisa terrestre já-mais poderá. Entretanto confia à sua serva mais amada a mensagem que promete a infável comunhão, a que Jesus convida no céu todos os fiéis, seus irmãos, como ele os nomeia. E ninguém merecia mais do que a Madalena ser a mensageira de Jesus.

É uma mulher quem primeiro o vê resuscitado, ouve a sua voz e compreende por que está o sepulcro vazio. Ninguém furtou o corpo do sepultado. A virtude omnipotente de Deus, exercendo-se por seres invisíveis, que são seus enviados, fizera tremer a terra, e volvera a terra que se fechava o sepulcro; e o crucificado levantou-se vivo, triunfante, glorioso. Reanimou o seu cadáver, que não devia por nenhum modo sofrer a decomposição sepulcral. Desde agora ele está na vida, e não pode morrer.

O seu corpo, aquele mesmo que ele entregara ao sofrimento e a todas as torturas da crucificação, está libertado para sempre da lei da dor e da corrupção. Não pode alterar-se nem sofrer. Adquire uma espécie de espiritualidade. A matéria, com as suas espessuras e a sua opacidade, já o não embarça: ele tem a sutileza que penetra a matéria. O péso já o não arrasta, o espaço já o não prende: ele é rápido e ágil como a vontade que o move e de que ele é perfeito instrumento. É tangível e visível, à sua vontade; reaparece e desaparece, segundo lhe apraz. Como a alma toma a forma das suas ideias, o corpo de Jesus reveste as aparências que lhe convem, sem prejuízo da sua natureza e da sua identidade. Conservou todavia as cicatrizes: elas serão o sinal glorioso e indelével dos seus combates terrestres e testemunharão, ainda em seu reino celeste, a sua vitória sobre o pecado e o seu amor infinito aos homens.

P.º D.

O cáustico contributivo

É de ficar atônito ante a parolada dos afeiçoados do grande mestre da desordem portuguesa que procuram, por todos os meios que a sua tonta cabeça lhes sugere, ludibriar o povo no respeitante ao cáustico contributivo.

Dizem esses misticadores que tam reprobata lei vem atenuar o mesmo imposto que sobrecarrega o proletário quando, na verdade, é ele o verdadeiro causticador.

Não é necessário um raciocínio de douto para se compreender que, dado o caso do grande proprietário ser sobrecarregado com um pesado imposto, não venha o povo, aquele que dele depende, a ter um quinhão que lhe será distribuído, não pelo governo, mas pelo esfolado.

Por todos os cantos, mesmo

pelos mais recônditos, se encontram panfletos recheados de loucas palavras, com as quais eles procuram enganar o povo dizendo-lhe que é beneficiado e não espesinhado.

O povo já não se deve deixar levar pelas toscas pretensões desses charlatões de feira que lhes procuram impingir uma porcaria qualquer por um milagroso específico que o há de livrar de tossir depois de morto.

A lei predial não beneficia pessoa alguma, como o desejam fazer acreditar os lamparinhos adeptos do chefe desordeiro português; a lei predial vem tornar mais espinhoso o viver do pobre, já bem martirizado com contribuições, porque o proprietário, vendo-se sobrecarregado com grandes tributos, procurará aliviar-se o mais que possa, o que fará indo sobre os seus inquilinos, a quem subirá as suas rendas e assim o prejudicado nunca é o grande, mas aquele que necessita de se utilizar das suas propriedades.

A lei predial é um flagelo do plebeu que, já a braços com a miséria, se verá na dura necessidade de mendigar o óbulo da caridade para poder levar aos seus um bocadinho de pão com que enganar a fome.

A lei predial é a desgraça que vai atormentar os infelizes operários que moirejam de noite e dia para angariar um parco salário que mal chega para acudir às suas mais urgentes necessidades, como seja o seu alimento.

É ainda há ingénuos que desejem afirmar áqueles, que serão os principais sofrendores das asprezas d'esse contributivo cáustico, que ele vai tornar mais suave o seu amargurado viver!!

A felicidade que tal lei proporcionará ao povo é a sua completa ruína.

Atente bem o povo nessa lei que a despótica vontade de um só homem impôs a um parlamento e diga-nos se as venturas que lhe advirão serão de molde a serem desejadas.

Eles procuram perparar a vossa opinião para receberdes, sem um queixume, essa lei que virá roubar-vos o fruto do vosso suor.

Em panfletos que distribuem com profusão, e nos seus jornais, pretendem demonstrar-vos que sois aliviados quando, na verdade, sereis os principais a sofrer os efeitos do flagelo.

A lei predial, vós depois o direis, é um martírio que vos imporrão porque vai obrigar-vos a pagar mais ao vosso senhorio pelo aluguer das suas propriedades.

Não penseis que ele carregará só com o tributo que lhe lançam, não: enganados estais se o vosso pensar assim é; ele procurará a melhor forma de despojar a sua carga e não fará outra coisa que não seja lançá-la para os vossos ombros.

Esperai pelos resultados que vos dará a aplicação da famosa lei e depois dizei-nos quais as felicidades que vos proporcionou.

A arvore de onde brotou esse rebento é má e por conseguinte não é de esperar belo ramo.

Eletónio.

A fé católica em Guimarães

Há muitos anos que não se realizza nesta cidade uma manifestação de fé como a que nos foi dada presenciada, e em que tomamos parte, no passado domingo, na igreja de S. Francisco.

Imponente e comedora! Ante a Cruz, que em algumas partes tem sido mutilada pelos modernos bárbaros iconoclastas, que são a vergonha da civilização; ante a Hóstia Sacramentada, peñhor adorável e augusto do amor de Jesus Cristo; ante a imagem do Divino Mártir do Calvário que os judeus de todos os tempos

teem insultado em vociferações dum ódio feroz e insensato, milhares de fiéis se prostraram em adoração, entoando hinos de louvor, dirigindo súplicas de perdão e praticando actos de desagravo às blasfêmias que se dizem, às calúnias que se levantam, às guerras que se movem contra o sentimento religioso cristão, e especialmente contra o Divino Fundor do Cristianismo.

Perto de quatro mil fiéis receberam o Pão Eucarístico; pessoas de todas as condições sociais, desde o modesto operário aos que estão colocados no mais alto grau da escala social, desde as humildes mulheres do povo até às damas da primeira sociedade vimaranense, todos se acercaram do Banquete Eucarístico. Mas o que mais nos comoveu e edificou foi vermos rapazes, jovens desta nossa terra—operários, estudantes, empregados de comércio—tomarem também parte naquela imponente manifestação de fé e piedade.

Pelas 5 horas da tarde, estando o vasto templo repleto de fiéis, subiu ao púlpito o talentoso orador sacro, o rev.º P.º Gaspar Róriz, que fez uma alocução alusiva ao acto, finda a qual o povo entoou o belo hino—*Queremos Deus*—.

Ao ouvi-lo, firmou-se ainda mais em nós a convicção de que, quando o povo quer Deus, não há forças humanas que possam arrancar-lho.

Terminou esta imponente solenidade com a benção do Santíssimo dada pelo rev.º cónego dr. Manuel Moreira Júnior, Arcipreste de Guimarães, que presidiu à solenidade.

Parabéns a Guimarães pela forma como patenteou, ainda uma vez, os seus sentimentos religiosos, que constituem uma das suas mais belas tradições.

Os meliantes

Anda para aí desenfreada a malandragem.

Na quinta feira à noite um ou mais desses audaciosos cidadãos introduziram-se no quarto que o sr. dr. António José de Almeida ocupava no Hotel do Toural, não chegando a levar a efeito as suas proezas, decerto, por sentirem gente nas proximidades.

Descobriu-se este facto porque o malandrim, na precipitação da fuga, deixou ficar no quarto uns papeis que denunciaram a sua presença, sem contudo se poder descobrir quem fôsse.

O jazigo das Irmãs hospitaleiras

«Vejam o caso de Guimarães. Um cidadão que, sob um regímen normal, estaria, a esta hora, a caminho da Penitenciária, ou de Rilhafoles, lembrou-se hienamente de atirar para a vala comum com os esqueletos de umas pobres mulheres, algumas das quais tinham morrido por contágio de enfermidades adquiridas no serviço dos hospitais.

É muito provável que ele, até há pouco tempo, fôsse um bom e honesto e medíocre cidadão, vivendo entre o pavor do inferno e o respeito pelos mortos. Como se deu, como se daria a transformação desta personalidade? Pela aquisição duma forte crença? Historicamente meu caro Gustavo!

Estamos em face dum caso de psicologia colectiva, em que se demonstra que apodreceu o cebolório, e é por isso que o Afonso Henriques, da Praça do Toural, faz o possível por tapar o

nariz, descendo o nasal do elmo até à ponta.»

(Da crónica do «Notícias» de 16 do corrente)

É assim que se expressa um homem que, pelas suas crónicas anteriores, se vê que não é talassa e muito menos reaccionário, acerca do estupendo caso ocorrido nesta cidade, de a comissão administrativa da Câmara Municipal publicar uns editais intimando os interessados a retirarem do jazigo n.º 105 do cemitério municipal, que a piedade cristã fez erigir para que não fôsem lançados na vala comum os restos mortais das irmãs de caridade, dessas heroínas do bem que faleceram no seu pósto nobilíssimo e piedoso de curar os enfermos, sob pena de, não o fazendo no prazo de 30 dias, serem arremessados ferozmente para a mesma vala.

É uma profanação sacrílega, um procedimento monstruoso, uma audácia tigrina consentir que se toque nessas venerandas ossadas que, mesmo assim carcomidas e gastas, representam a caridade, o amor, a piedade, a dedicação e a abnegação das mulheres que a possuíram.

Informam-nos de que uma comissão se constituiu, espontaneamente, para angariar donativos na cidade afim de reunir a soma necessária para adquirir por compra o terreno do jazigo em questão.

Abençoada idea. Estamos certos de que nenhum vimaranense se recusará a contribuir com o que puder para que a profanação se não realize e esta cidade não tenha mais essa nódoa a enegrecer a sua brilhante história.

A comissão os nossos parabens e aos vimaranenses o nosso apêlo para que ela veja coberto de glória o seu intento piedoso e altruista.

O sr. Beltrão

Cebo, cebo, cebolório, ório! Então qual é a política do sr. Beltrão?

Há tempos apareceu-nos evolucionista assinando o convite ao povo para assistir à recepção do sr. dr. António José de Almeida.

A comissão administrativa da Câmara fez *beicinho* e mandou-o *bugiar*.

O *Trapó* engatilhou com o caso e deu-lhe tateia bravia.

E afinal era tudo para inglês ver, e não havia coisa nenhuma, porque à última hora apparece-nos o sr. Beltrão eleito vogal efectivo do centro democrático cá da parvónia.

Ora bolas, caros amigos! Se eles não se entendem uns aos outros, como é que a gente os há de perceber?

O ÓRGÃO

Vai cá por casa uma azafama descomunal, e o caso não é para menos.

Dizem os *beatos apóstolos* de S. I. Afonso I, do sinhedrim do largo 1.º de Maio, que vão criar um órgão para uso privativo da casa.

É caso para a gente se por a capa afim de que a marezia nos não leve de vento em popa.

Já mandamos arranjar todas as penas velhas que cá tínhamos afim de estarmos habilitados a fazer face ao monstro que vai surgir.

O caso não é para menos. Nós já os conhecemos de gingeira, desde a *Velha Guarda*, que o diabo levou em bom tempo, e como lhes conhecemos bem os processos e as manhas, toda a cautela é pouca.

Venha o colosso demagógico que para ele só encontrará penas antigas, da genuína marca *talassa*, porque de outra coisa não é digno.

A nós, quando viemos, os intangíveis receberam-nos à pedrada e de navalha nos dentes.

Nós não seremos tam maus como eles.

Esperamos o novo órgão, que receberemos da melhor vontade, e ao avistarmo-nos pespegar-lhe hemnos na rubra face um sonoro e repenicado *chôcho talassão*.

Venha, pois, o órgão democrático.

António José de Almeida

Esteve entre nós, hospedando-se no Grande Hotel do Toural, o sr. António José de Almeida, chefe do partido evolucionista.

Sua ex.ª foi muito cumprimentado por diversos e valiosos elementos do seu partido, tendo-se retirado hontem para a Régua.

Desordem na grei

Vai uma certa desarmonia entre a *irmandade* democrática do democrático centro republicano da Porta da Vila por causa da fundação do centro democrático do largo 1.º de Maio, porque, dizem alguns *irmãos*, sua sapiência, o senhor *dom prior*, tratou da fundação do novo centro sem dar satisfações aos confrades do antigo que, no dizer deles, são tam democráticos como o *dom prior*.

Ao que parece temos borrasca pela proa...

En un clin d'œil

Surgiu limpida, sem uma nuvem a toldá-la, a aurora de 5 de Outubro de 1910.

Fêz-se a implantação da república sem que dum só ponto do país partisse um eco de repulsa.

Rolaram alguns meses de ostracismo e de ódio, e não se ouviu uma palavra de indignação ou de desespero a não ser o pungir resignado dos antístites e a lamentação saudosa de alguns pastores de almas.

Encarcerou-se a liberdade de pensamento, enxovalharam-se as tradições santas e oprimiram-se, sem dó e sem pejo, as crenças duma nação quasi inteira... e apenas meia dúzia de portugueses se insurgiu contra tanta opressão e vingança, que bem caro lhe custou.

Bandos de operários sem trabalho reclamaram humildemente e nas melhores disposições o *ager* para si e para as suas famílias, e nenhum cérebro produziu uma solução que lhes mitigasse a fome e lhes diminuísse a dor por verem seus filhinhos esfarrapados e como que desprezíveis, entregues aos caprichos do tempo sem uma manta para se cubrirem.

Um sem numero de braços, mirrados, se ergueu para os governos a suplicar melhoria de sorte, e estes responderam com a força armada.

Enfim, jurou-se seguir uma administração séria, honesta, imparcial, justa, e tem-se concedido acumulações quasi que na totalidade a incompetentes e inábeis.

E tudo se sofre, não sem constangimento, mas em silêncio... Cobardia?! Indiferença?! Uma apatia que corrói, desfaz e mata. Um viver de moribundo!

Dizemo-lo baseados nos factos, que todos apalpam e sentem, e na história que, na vida dos povos, é barómetro de precisão.

Dúvidas que porventura sobre tal se suscitarem são reduzidas a pó pelos exemplos do passado da antiga Atenas. Não é certamente ignorada pelos nossos leitores a

JUDAS ISCARIOTES

O SEU TESTAMENTO

Senhores do Lusitano:
E' chegado o triste dia
Em que tenho de morrer
Ao toque de Aleluia.

Sabei que morro contente,
Pena alguma me acompanha;
Enchi-me de ser tratante
Usando de toda a manha.

O que me pesa, porém,
E' morrer tam isolado
Depois de p'ra ai ficar
Tanto judas descarado.

Já sinto chegada a hora
De findar meu último alento;
Por isso vou apressar-me
A fazer meu testamento.

Contemplei os amigos
Com que na vida vivi,
P'ra que não digam que dêles
Nesta hora me esqueci.

Deixo ao querido Justino
Dez réis de pó de tamanco,
P'ra pintar ser lindo rosto
A ver se fica branco.

Ao Márioso amigo
Acusado de ganância,
Deixo um velho livro de actas
P'ra pedir a sindicância.

Ao Matos, trigo sem joio,
Alma purinha e lavada,
Deixo em matéria escolar
Uma casaca virada.

A M. B. que é alma forte
Ainda mais forte que as mais,
Deixo a pena p'ra escrever
Artigos para jornais.

Ao Alfredo Guimarães
Poeta de luminar,
Deixo um bom livro de versos
Para êle plagiar.

Ao homem da fala grossa
Deixo, e não repare nisso,
Uma estrada municipal
Para não fazer serviço.

Ao giadas lá de cima,
Que vende trigo e mais pões,
Deixo um novo formulário
Para participações.

Ao S. Francisco de pedra
Que na Sarmento tem lorgo,
Deixo a basófia que existe
Desde Guimarães ao Corgo.

Aos manos que vendem tintas
E sofrem de afonçicite,
Um armazem de má língua
P'ra guardar o dinamite.

Ao do chapéu de abas largas
Deixo toda a liberdade
De q'relar o Lusitano
Por sua livre vontade.

A um vermelho que tem burro
Que monta, em tardes amenas,
Deixo um rosario e uns bentinhos
P'ra ir à missa e às novenas.

Ao herói do ultramar,
Franquista e hoje dos tais,
Deixo um chapéu emplumado
Para as exéquias reais.

Deixo com todo o prazer
A um doutor desconhecido
Uma jaula gradeada
Para êle estar metido.

Deixo ao homem do capote
Para o livrar do suplício,
Um tratado sôbre impostos
Para êle aprender o officio.

A outro que é homem tesos,
Mesmo mais tesos que os tesos,
Deixo um cavallo marinho
P'ra êle bater nos prêsos.

Ao Rochinha que quando anda
E' como a pêga a saltar,
Deixo um fato à jasuita
P'ra êle se mascarar.

Deixo ao sôr doitor miudo,
Que é curto mas berrador,
As minhas botas de salto
P'ra êle parecer maior.

Ao irmão deixo alegria
Com que amigos acompanhe,
A cantar a vida é isto
E quem cá ficar que o ganhe.

Deixo ao grande dom prior
Minha tez iluminada,
P'ra que o Trapo lhe não chame
Fisionomia parada.

Deixo ao triste frei António,
Um petulante orador,
O meu guarda chuva velho
P'ras varetas lhe compor.

Há por ai muitos amigos
A quem falta contemplar;
Porém, se o não faço, creiam,
E' só por me não lembrar.

Fiquem certos todos quantos
Meu esquecimento desgosta,
Que p'ra o ano apanharão
Todos mui choruda posta.

Judas Iscariotes.

22-3-913.

para êles quem não é democrático consta dêsse rol—nem as mais insignificantes migalhas, caídas da mesa do municipio, abocam... Mas como provavelmente sem elas o meu amigo não passa fome, deixe correr...

Sempre ao seu dispor. M.

O Benjamim liquida nesta ocasião:

Lenços de seda grandes, a 1\$000 réis. Chales finos escoceses a 1\$800 e 2\$000 réis. Kimonos-blusas a 300 e 400. Chitas a 100 e 80 réis. Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

Agradecimento

O abaixo assinado julga ter agradecido de outra forma a todas as pessoas que o cumprimentaram e lhe dirigiram os seus cartões de pesames por ocasião do falecimento de sua saudosa mãe. Mas, receando alguma falta involuntária, vem repará-la desta maneira, agradecendo a todos as suas penhorantes atenções.

Guimarães, 16 de Março de 1913.

Benjamim de Matos.

A Festa da Arvore

S. Lourenço de Sande—
Guimarães

Na passada quinta-feira, dia 13 do corrente, realizou-se com grande sumptuosidade a festa da Arvore, em S. Lourenço de Sande, concelho de Guimarães, nas Escolas Officiais Conde de Agrolongo, subindo ao ar muitos foguetes e onde a nova filarmónica de Sande, regida pelo hábil maestro sr. José de Oliveira Telho, executou diversos trechos do seu repertório, cantando as creanças delirantemente. O edificio das duas escolas achava-se belamente embandeirado e assistiram ao acto

solene senhoras e cavalheiros da mais alta posição social da mesma freguesia.

Seriam 3 horas da tarde procedeu-se à plantação das arvores, sendo duas oliveiras e havendo em seguida prelecções às creanças, alusivas ao acto, pelos dignos professores das mesmas escolas sr.^{as} D. Deolinda Adelaide de Carvalho Oliveira e sr. José Ferreira da Silva Gonçalves.

No fim foi distribuido um «lunche» às creanças, constando de trigo, laranjas, doces e vinho.

Nota—Esta festa foi feita única e exclusivamente a expensas dos professores, em virtude de a Comissão Paroquial se recusar a coadjuvá-los em coisa alguma.

Falência de Manuel Soares dos Reis

ARREMATAÇÃO

1.^a Publicação

No dia 30 do corrente mês de Março, às 11 horas, no tribunal judicial desta comarca, sito na rua do Gravador Molarinho, desta cidade, são postos pela segunda vez em praça, os seguintes bens:

A benfeitoria consistente na construção dum barracão de pedra, madeira e telha de Marselha, em terreno situado no lugar da Devesa, freguesia de Pinheiro, desta comarca, e que é posta em praça por 100\$000 réis.

A benfeitoria consistente na construção de uma morada de casas de um andar, sobradadas, compostas de salas, quartos e loja, no mesmo lugar, posta em praça por 200\$000 réis e a benfeitoria consistente na canalisação de água do cimo da propriedade da Devesa até àquela casa, posta em praça por 12\$500 réis; e no mesmo dia às 13 horas, no referido lugar da Devesa, são também postos em praça pela terceira vez, por qualquer pre-

ço, os bens mobiliários arrolados na falência de Manuel Soares dos Reis e que na segunda praça não obtiveram lançador.

São pelo presente citados quaisquer credores incertos do falido.

Guimarães, 13 de Março de 1913.

O escrivão do comércio,
João Joaquim de Oliveira Bastos.

Verifiquei.

P. de Rezende.

Colégio de Santa Maria GUIMARÃES

Brevemente abrirá êste estabelecimento de educação e ensino no palacete da Madroa.

Tôdas as famílias que pretendam inscrever suas filhas, podem desde já fazê-lo nos estabelecimentos de modas, ao Toural, dos ex.^{mos} srs. Camilo Alves de Almeida e Oliveira e Silva, ou dirigir-se à ex.^{ma} sr.^a D. Emília de Jesus Moreira da Rocha, rua de D. João I, 19.

Biblioteca da «Instrução Religiosa»

O PROTESTANTISMO

OS SEUS HOMENS
E OS SEUS ERROS

Utilíssima obra de propaganda católica contra as falsas doutrinas de Lutero

Um volume com cerca de 100 páginas em edição de luxo . . . 60 rs.
A mesma obra em edição popular . . . 30 rs.

Da edição popular, faz-se um desconto de 20 por cento em todos os pedidos de mais de 20 exemplares.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância e porte do correio, devem ser dirigidos ao editor

Padre António José de Carvalho

Rua de Santa Margarida, 9—Braga
ou à administração dos «Ecos do Minho»,
Rua dos Mártires da República—Braga

PASCOA DE 1913

Depósito do Pão de ló de Margaride

O VERDADEIRO DE D. LEONOR

ENCONTRA-SE NA

CASA PATRÍCIO

Praça de D. Afonso Henriques (ANTIGO TOURAL)

GUIMARÃES

Pão de ló de Guimarães

(QUALIDADE MARGARIDE)

Casa Varandas

RUA DO RETIRO

causa do grande sábio Sócrates: é o suficiente para ajuzarem destas pobres mas sinceras palavras.

E' porque as nossas aspirações e anelos são só o bem e o engrandecimento da nossa querida Pátria, dói-nos profundamente o coração ao vermos que os homens a quem a Providência, talvez para castigo nosso e oxalá! lição salutar confiou o seu destino, trilham precisamente o caminho que arrastou Atenas à completa ruína política.

Não fala um evolucionista nem um democrático; fala um vimaranense que ama extremamente a sua Pátria. A êle é-lhe completamente indiferente que o regímen seja republicano, monárquico ou absoluto, porque de nenhum espera favores ou empregos; mas o que lhe não é indiferente é que Portugal continui a ser o Portugal que nossos avós à custa de muito sangue, trabalhos e sacrificios fizeram glorioso, ou um povo sujeito aos caprichos, desdêns, vilipêndios e rancores de quem nunca êste solo bendito considerou, e portanto não o tratará, como sua Pátria.

Com o leite de nossa mãe re-

cebemos o grato e sagrado dever de o amar e de o defender.

Trabalharemos, pois, até despedir o último alento pelo seu esplendor e independência. M.

P. S.—Só depois destas poucas linhas escritas nos lembrámos dum compromisso que tínhamos em aberto com um amigo que nos merece tôda a consideração e estima.

Como, porém, o assunto que versámos ao de leve roçaga pelo que o nosso caro cliente pretendia, cremos relevará falta tam involuntária.

De mais a mais é de todos os vimaranenses sobejamente conhecido o abuso que a Câmara está perpetrando a favor dêsse seu apaniguado, dela, bem entendido...

Albergue numa cadeia, que apesar do nome, como está tem comodidades de palácio; sôldo pródigo por meio serviço, pois lhe é permitido zelar simultaneamente o que já antes tinha a seu cuidado, e não sei quantas liberalidades mais... são benesses só a amigos de gema concedidas.

Olhe, meu velho, inimigos—

A casa que mais ser-
tido tem e que mais ba-
rato vende Bicicletas
acessórios, fazendas,
miudezas, modas, per-
fumarias, bordados a
pêso, panos para enxo-
vais, guarda-sóis, etc., é
a LOJA DO BENJAMIM
—Teural, 105.

Interesses no Brasil

O Escritório de Direi-
to Internacional, à rua
de Hespício n.º 79—Rio
de Janeiro—, dirigido pelo
dr. Carmo Braga, formado pela
Universidade de Coimbra, com
longa prática de advocacia em
Portugal e no Brasil, advogado
do Banco Aliança do Pôrto, da
Beneficência Portuguesa e da
Associação dos Empregados no
Comércio do Rio de Janeiro,
trata especialmente de todas as
questões relativas a direitos e
interesses de portugueses no
Brasil, inventários, habilitações,
partilhas, execução de testamen-
tos, providências para evitar a
arrecadação judicial de bens e
heranças de ausentes, etc. Tam-
bém aceita procurações para
administração de bens no Rio
de Janeiro, cobrança de alu-
gueis, rendas, juros dividendos,
compra, venda e hipoteca de
prédios, averbamento de papeis
de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no
Pôrto, dirigido pelo solicitador
sr. João Fernandes Amaral,—
rua da Fábrica, 78.

Para referências em Guima-
rães—com os srs. Fernandes &
Cruz, e com os advogados drs.
António do Amaral e João Ro-
cha dos Santos.

FUNILEIRO

Manuel Ferreira da Costa

Faz e concerta toda e qual-
quer peça de obra pertencente
à sua arte, tanto em fôlha, como
zinco ou cobre.

Também se fazem gazómetros
para acetilene, pulverizadores,
caixões de chumbo para fune-
rais, banheiras de todos os ta-
manhos e feitios, encações de
agua ou gaz em tubo de chum-
bo ou galvanizado, assim como
assentamento de retretes e suas
pertencas. Tudo por preços mó-
dicos.

Rua de Francisco Agra, 31, 33.
GUIMARÃES

COMPANHIA DE SEGUROS A POPULAR

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
FUNDADA EM 1902

Capital autorizado Rs. 500:000\$000

Telefone n.º 2460 — Enderço telegráfico: LARPOPU

Rua dos Bacalhoeiros, 125, 2.º

LISBOA

Correspondentes em Guimarães—PIMENTA & C.ª

Com estabelecimento de fazendas brancas, miudezas, etc.

24, Rua de Paio Galvão, 28

ATENÇÃO!

Só na Sapataria Académica à Rua Dr. Avelino
Germano, 36 (antiga Rua de S. Paio) é que se encontra o
calçado mais bem acabado, e por preços que ninguém ousa com-
petir.

Garante-se a superior qualidade nos cabedais empregados
nos calçados.

Trabalho, o mais perfeito, e preços muito mais económicos
que em qualquer outra sapataria de Guimarães.

Uma encomenda pois, que será a prova mais cabal do
quanto se afirma neste anúncio.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-inter-
nos e externos, para instrução primá-
ria, secundária e curso comercial prá-
tico. Alimentação abundante e bem
cuidada. O resultado dos exames no
presente ano lectivo foi de 50 APRO-
VAÇÕES COM 3 DISTIN-
ÇÕES. Envia-se o programa a quem
o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

FOTOGRAFIA MODERNA

— Rua de S. Dâmaso, 10 —

GUIMARÃES

Nesta acreditada fotografia executam-se com
a maior presteza e máxima nitidez, todos os
trabalhos fotográficos pelos mais modernos
processos como sejam:

Retratos platina, sais de prata, etc.

Ampliações em todos os tamanhos até
ao natural de qualquer fotografia por mais
pequena que seja.

Retratos em porcelana, madeira e seda.
Admiráveis retratos reclame, a 400 réis
a meia dúzia.

Belas miniaturas para medalhas, a 250
réis a meia dúzia.

Postais fotográficos, a 900 réis a dúzia.

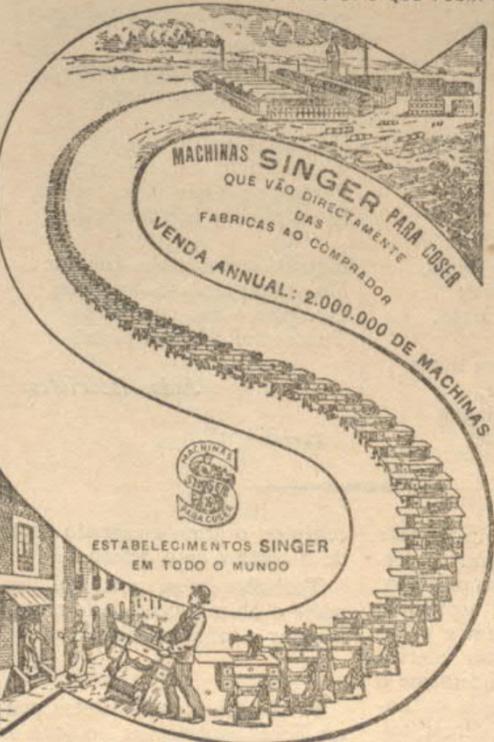
Ampliações inalteráveis de 50 centime-
tros, a 1\$500 réis.

Esta fotografia possui um excelente ma-
terial, o que há de mais aperfeiçoado, o que
permite executar todo e qualquer trabalho e
com a máxima perfeição, operando com to-
do o tempo.

Tomam-se encomendas fora do atelier sem
aumento de preço.

Prefiram este atelier a qualquer outro,
pois é o único com quem ninguém pode
competir em preços e perfeição.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MACHINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FABRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MACHINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MACHINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇO-
AMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEIREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO.

Avenida Candido dos Reis — GUIMARÃES

O LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Espanha	
Sem estampilha.	{ Ano. 1\$200 rs.
	{ Semestre. 600 "
Pelo correio	{ Ano. 1\$300 "
	{ Semestre. 650 "
Trimestre	400 "
Estados U. do Brazil (ano)	1\$800 "
Países da União Postal	2\$400 "
Número avulso	30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetições, por linha	20 "
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até	
5 linhas, cada um	100 "
Anunciam-se as publicações que o mere- çam, mediante um exemplar gratis.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assi- nantes, 25 % de abatimento.	

P. LUÍS DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMACULADA CONCEIÇÃO

prégado na igreja matriz de
Fafe, em 8 de Dezembro de 1912;
acaba de ser editado num ele-
gante opúsculo, precedido
da narração do

interessante episódio
que determinou a sua publicação.

PREÇO, 120 RS.

Pelo correio 125 rs.

Peididos à Tip Minerva Vimaranesse
R. Paio Galvão—Guimarães

O LUSITANO

I Ano

Publicação semanal de Guimarães

Num. 41

Ex.º Sr.